



COLEÇÃO ESTRELAS DA LITERATURA JUVENIL



PETER BROWN
PRÊMIO CALDECOTT HONOR

ROBOT EM MISSÃO

ROBOT
SELVAGEM
ADAPTADO
AO CINEMA



ÍNDICE

1. O CÉU	9
2. O REENCONTRO	14
3. A FOCA.....	16
4. OS ANIMAIS PREOCUPADOS.....	19
5. A CONVERSA	21
6. A COMPANHEIRA	23
7. OS BANDOS DE PASSAGEM.....	27
8. A EVACUAÇÃO	30
9. A MARÉ DE VENENO	31
10. AS ALTERAÇÕES.....	35
11. O VOO	37
12. A ÁGUA.....	40
13. O INCÊNDIO	45
14. O BANDO.....	48
15. PARTIDAS	51
16. O MERGULHO.....	52
17. O CORPO ROBÓTICO	57

18. A EXPERIÊNCIA	59
19. A DECISÃO.....	65
20. A DESPEDIDA	68
21. O MAR RASO	72
22. A ESPERANÇA.....	76
23. A PRIMEIRA NOITE.....	79
24. O NAVIO	81
25. A CANÇÃO.....	84
26. A ESTRADA.....	86
27. A CIDADE	88
28. OBSERVAÇÕES	94
29. A ILHA MORTA	95
30. A TEMPESTADE	97
31. AS PROFUNDEZAS	99
32. A ESCURIDÃO	104
33. O CAÇADOR.....	106
34. A ROBOT <i>CLIC CLAC</i>	111
35. A NÉVOA	114
36. O OCEANO	116
37. A BATERIA.....	118
38. O GRUPO.....	119
39. AS AVES MARINHAS.....	124
40. A FLORESTA SUBMARINA	128
41. A TUNDRA	134
42. O GLACIAR	138
43. A PRAIA	145

44. O URSO POLAR.....	150
45. O NORTE LONGÍNQUO	152
46. A TUBARÃO ANCIÃ.....	154
47. A LUTA.....	159
48. O DESTINO	164
49. A ESTAÇÃO DE MINERAÇÃO.....	166
50. A SALA DE CONTROLO	173
51. A DIRETORA DA ESTAÇÃO	176
52. O TERRAÇO.....	180
53. O INTRUSO	185
54. A PRISIONEIRA.....	188
55. AS CONVERSAÇÕES	189
56. OS ALARMES	196
57. O ATAQUE	197
58. A NUVEM.....	200
59. AS HYDRO.....	203
60. AS MAIORES GUERREIRAS	206
61. OS MAIS PEQUENOS GUERREIROS	210
62. OS NOVOS REFORÇOS	212
63. O CAOS	218
64. O SALTO	222
65. O SALVAMENTO.....	226
66. PAIS E MÃES	230
67. OS GANSOS	234
68. O GRANDE MERGULHO.....	236
69. O ROBOT DE MINERAÇÃO	238

70. A MENTIRA.....	244
71. A VERDADE.....	247
72. O REGRESSO.....	252
73. A DESCOBERTA.....	254
74. A FROTA.....	256
75. A COSTA.....	258
76. A CRIATURA.....	262
77. A AVÓ.....	265
78. O DISCURSO.....	268
79. A ESTRANHA FAMÍLIA.....	274
80. O FUTURO.....	278
UMA NOTA SOBRE A HISTÓRIA.....	283
AGRADECIMENTOS.....	285

1 O CÉU

A nossa história começa no céu, com um sol brilhante, nuvens fofas e um grande bando de gansos. Depois de terem passado os meses frios nas suas zonas de migração no Sul, os gansos migravam de regresso a casa, no Norte. Voavam numa perfeita formação em V e a liderá-los ia um jovem e gracioso ganso. O líder olhava sempre em frente, procurando sinais de mau tempo ou de aviões, mas o céu estava limpo de qualquer problema.

Cidades, estradas, prados e rios passavam sob os gansos à medida que estes voavam. Muito ao longe, onde a terra tocava o céu, a linha azul-escura do oceano surgia gradualmente. O oceano foi ficando cada vez mais perto, até que o bando sobrevoou uma praia de areia e depois a água imensa.

Uma ilha apareceu ao longe. Depois, outra ilha, e depois outra. Os gansos passaram alguns dias a saltar de ilha em ilha, comendo a erva das dunas e descansando as



suas asas. Depois partiram para a última etapa da viagem.

Navios de carga cruzavam as ondas mais abaixo. Esta zona do mar era uma rota marítima. Estava pejada de navios enormes, cada um fazendo a sua própria migração até ao próximo porto marítimo. Os gansos voavam muito acima dos navios, e pouco depois tudo o que conseguiam ver era a água que se estendia pelo horizonte em todas as direções.

Passaram-se horas até os gansos avistarem as bem conhecidas formas rochosas da sua ilha natal. Aceleraram o ritmo. Já se viam as florestas, a montanha e a espuma branca da queda de água. Um tempo depois, já

sobrevoavam a costa. E logo a seguir voavam em círculos sobre o lago dos castores.

O bando começou a

d

e

s

c

e

r

para o lago e atirou-se à sua superfície. Deixaram-se ficar a flutuar, limpando calmamente as penas, até que, por baixo da água, os seus pés espalmados começaram a remar, nadando até à margem e bamboleando-se até à praia de seixos.

Enquanto os outros se instalavam confortavelmente, o líder dirigiu-se sozinho à floresta. Seguiu um caminho pela vegetação rasteira, passando por árvores antigas, pedras cobertas de musgo e arbustos espessos, e deteve-se numa pequena clareira.

O ganso grasnou alto e esperou por resposta. Silêncio. Mas, então, a floresta começou a mover-se. Um monte de fetos estremeceu, o solo levantou-se, pedaços de terra caíram para os lados e ali, parado em frente ao ganso, estava um robot.

Leitor, tu e eu teríamos ficado aterrorizados naquele momento. Não é todos os dias que se vê um robot

erguer-se de repente do solo. Mas o ganso não ficou aterrorizado — ficou feliz. Sabes, é que aquele robot era a sua mãe. Esvoaçou para o seu ombro. Depois, falaram um com o outro na linguagem dos animais.

— Tive saudades tuas, mãe! — disse o Bico-Brilhante, o ganso.

— Bem-vindo a casa, filho! — disse a Roz, a robot selvagem.





2

O REENCONTRO

Roz e Bico-Brilhante, mãe e filho, estavam ansiosos por pôr a conversa em dia e começaram logo a falar sobre tudo o que acontecera durante o inverno. Mas a sua conversa foi interrompida pelo som de pequenas patinhas correndo através das copas das árvores. Uma vozinha murmurava:

— O Bico-Brilhante voltou! O Bico-Brilhante voltou!

E então, um esquilo surgiu balançando-se na ponta de um ramo.

— Olá, Tagarela! — disse o Bico-Brilhante ao esquilo.
— Como tens passado?

Mas a Tagarela tinha vindo a correr de muito longe e estava sem fôlego. Expirava com força e levantou uma pata, como se dissesse «Espera aí um minuto». Quando se sentiu pronta, largou o seguinte caudal de palavras:

— Bico-Brilhante estou tão contente por estares de volta fico sempre tão preocupada quando te vais embora

o que é pateta pois sei que és esperto e firme e eu também sou esperta e firme e por isso espero que também não te preocupes comigo ah pois perguntaste como tenho passado bom tenho algumas grandes novidades é que agora sou mãe acredito nisto tenho três pequenitos e mal posso esperar para os conheceres...

A Tagarela falava sem parar. E não se calava. E a sua voz tagarela chamou a atenção das criaturas mais próximas. A raposa Matreira saiu dos arbustos. O senhor e a senhora Castores subiram do lago. A coruja Sabichona desceu em voo até um tronco. Mais e mais animais emergiam da floresta, sorrindo e rindo, ansiosos para se reencontrarem com o seu velho amigo Bico-Brilhante.

E então um som estridente soou ao longe. Era uma voz que repetia qualquer coisa sem parar, mas ninguém conseguia perceber o que dizia. A Roz e os animais correram para a orla da floresta e, nesse momento, uma gaiota chamada Ventania apareceu no céu. Gritava e batia freneticamente as asas na direção deles. Era muito raro ver gaiotas tão perto do interior da ilha. Algo tinha de estar errado. À medida que a Ventania se aproximava, as suas palavras iam ficando mais claras.

— Socorro! Socorro! Socorro!

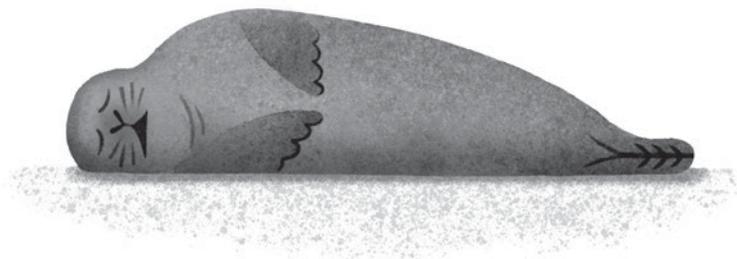
3

A FOCA

A gaiivota sobrevoou a multidão de criaturas e gritou:

— Socorro! Roz! Segue-me!

E deu a volta a voar na direção de onde tinha vindo. A Roz desatou a correr e o Bico-Brilhante levantou voo e, juntos, seguiram a Ventania para norte, atravessando a ilha até à praia rochosa. Aves marinhas, lontras e caranguejos tinham-se juntado nas rochas, e no meio deles jazia uma foca. Tinha o focinho a sangrar. Os olhos



estavam cerrados de tão inchados. A Roz ajoelhou-se e verificou os seus ferimentos.

A foca disse, com voz fraca:

— A maré de veneno está a chegar!

— Não compreendo — respondeu a Roz.

— Estávamos a pescar no Norte, eu e os meus amigos e família, quando reparámos numa mancha brilhante na água — disse a foca. — Ficámos curiosos e nadámos até lá. E então, sentimos o veneno. A água brilhante queimou-nos as bocas e os focinhos e os olhos! Não conseguia ver nada e chamei pelos outros, mas ninguém respondeu. A maré de veneno continuou a passar-me por cima e a dor era insuportável, por isso virei-me e nadei para ficar a salvo, até à água limpa do oceano, e continuei a nadar durante dias até que cheguei aqui.

— O que é a maré de veneno? — perguntou a Roz.
— De onde veio?

Mas a foca não conseguiu responder porque, de repente, teve um ataque de tosse. Os animais trocavam olhares ansiosos enquanto a foca tossia sem parar. Todos queriam ajudá-la, mas não podiam fazer nada.

Quando finalmente parou de tossir, a foca mal tinha forças para falar.

— Por favor — murmurou. — Quero sentir o oceano.

Com todo o cuidado, a Roz pegou-lhe, transportou-a sobre as rochas e pousou-a na água rasa. Ao sentir o toque

da água salgada no corpo a foca fez um sorriso fraco. Era-lhe difícil falar, por isso, sem dizer uma palavra, nadou lentamente para longe e desapareceu nas ondas.

4

OS ANIMAIS PREOCUPADOS

Todos os dias, antes do nascer do sol, os animais saíam das suas casas e dirigiam-se ao Grande Pasto, no centro da ilha. Era o local da Trégua da Madrugada, onde todos podiam juntar-se em segurança e conversar sobre as novidades da ilha. Normalmente, a Trégua da Madrugada era uma ocasião alegre, mas naquele dia havia assuntos sérios para discutir.

A Ventania pousou num rochedo e grasnou:

— A maré de veneno está a chegar! A maré de veneno está a chegar!

O senhor Castor resmungou:

— Controla-te, Ventania! Estás a causar o pânico!

A Matreira rosou:

— Porque hei de preocupar-me com o que acontece no oceano? Eu vivo em terra!

A Sabichona piou:

— Porque a terra e a água e o ar estão todos ligados!

Os outros animais começaram a intervir.

— Vamos ficar bem, nesta ilha há tudo aquilo de que precisamos!

— Eu nem sequer gosto do mar!

— E os nossos amigos da costa?

A algazarra dos animais foi ficando cada vez mais alta e descontrolada, até ser silenciada pela voz portentosa da Roz.

— A foca pode ter razão — disse a robot. — Pode haver uma maré de veneno a espalhar-se pelo oceano. Mas não me parece que chegue às nossas costas. Acho que estamos a salvo...

A Roz foi interrompida pelos irmãos ursos, Urtiga e Espinho.

— Tu *achas* que estamos a salvo? — rosnou a Urtiga.

— Eu quero *saber* se estamos mesmo a salvo! — rosnou o Espinho.

— Compreendo a vossa preocupação — respondeu a Roz. — Mas de todos os animais que aqui estão, só as aves migratórias e eu é que já saímos da ilha e sabemos o quanto o oceano é enorme. Parece-me muito improvável que a maré de veneno se espalhe por todo o oceano e chegue até nós. A maré de veneno não me preocupa e também não deve preocupar-vos.

5

A CONVERSA

O Bico-Brilhante tinha algo importante para dizer à mãe. Levou-a até ao cume coberto de erva no lado oeste da ilha, o lugar onde aprendera a voar. Era um dos seus sítios preferidos para passearem.

Graças ao seu novo corpo, a robot acompanhava sem esforço o voo rápido do ganso. Deves lembrar-te de que a Roz foi criada por uma mulher chamada Dra. Molovo. Um dia conheceram-se em circunstâncias bastante difíceis e, durante o tempo que passaram juntas, a Dra. Molovo transferiu o cérebro da Roz do seu antigo corpo robótico para um novo. Este novo corpo era mais forte, mais resistente e mais rápido do que o original. Agora a Roz deslizava agilmente pela paisagem acidentada enquanto o Bico-Brilhante cruzava o céu.

Passado pouco tempo, estavam no cimo da montanha, em frente a uma encosta coberta de erva que descia até ao mar. Lá muito em baixo, uma onda bateu contra

as rochas e espalhou a espuma do mar ao vento. Daí a instantes, os nossos amigos sentiram o respingo da onda nos seus corpos. Foi então que o Bico-Brilhante começou a falar.

— Neste inverno perdemos dois membros do bando — disse, suavemente. — Era um casal mais velho que se afastou dos restantes no território da migração e foi atacado por uma matilha de coiotes. Eu não os conhecia bem. Costumavam manter-se afastados e só se juntavam ao bando para as migrações. Mas a sua perda foi difícil para todos nós. Deixaram uma filha e eu fui perguntar-lhe como estava. Chama-se Asa Cintilante, mas todos a conhecem por Cinti. Ela é da minha idade e gostámos da companhia um do outro de forma que, quando o inverno terminou, já éramos inseparáveis. — No rosto do Bico-Brilhante surgiu um leve sorriso. — Acontece que, daquela tragédia, algo de bom nasceu, porque eu e a Cinti decidimos ser companheiros.

A Roz fitou o filho. Os seus olhos luminosos pulsaram suavemente. Depois, disse:

— Lamento muito o que aconteceu aos pais da Asa Cintilante. Mas fico contente por saber que encontraste uma companheira! Fala-me da Asa Cintilante. Quero saber tudo!

— Podia falar-te dela — respondeu o Bico-Brilhante. — Mas, em vez disso, pensei em apresentar-ta.

6

A COMPANHEIRA

A robot tinha uma casa simples na floresta, na forma de uma abóbada feita de madeira, pedra e lama, com uma porta baixa num dos lados. No interior havia bancos de pedra corridos a toda a volta das paredes e, no centro do espaço, ardia uma fogueira nas noites frias de inverno. Por fora, a abóbada era rodeada por um jardim luxuriante de flores silvestres, ervas e arbustos de frutos vermelhos. A Roz chamava à sua casa o Ninho.

O Bico-Brilhante e a sua companheira estavam a chegar ao Ninho e a Roz queria que estivesse tudo perfeito. Uma nuvem de pó saía pela porta à medida que ela limpava o interior. Foi então que ouviu a voz do Bico-Brilhante no jardim.

— Estamos aqui, mãe!

A Roz agachou-se e saiu pela porta. Estava um dia lindo e claro, e a luz do sol penetrava através da copa de folhas e ramos.

No meio das flores tocadas pelo sol estavam o Bico-Brilhante e um ganso fêmea.

— Mãe, esta é a Asa Cintilante — apresentou o Bico-Brilhante, apontando para o ganso ao seu lado.



— Olá, Asa Cintilante — disse a robot. — É maravilhoso conhecer-te.

— Por favor, chama-me Cinti — pediu ela. — Claro que já te vi aqui pela ilha, mas é tão bom conhecer-te pessoalmente! — A Cinti esvoaçou até ao ombro da Roz e deu-lhe um grande abraço.

— Como devo chamar-te? — perguntou a Cinti.
— Roz? Mãe? Dona Robot?

— Chama-me Roz, por favor.

Os três passaram a tarde juntos. Falaram sobre a família da Cinti e sobre a perda dos seus pais. Mais tarde, a Roz alegrou o ambiente contando histórias da infância do Bico-Brilhante. A conversa corria agradavelmente até a Roz abordar um assunto específico.

— Já preparei o Ninho e podem mudar-se para cá quando quiserem — disse ela aos gansos. — Será maravilhoso ter a vossa companhia!

O casal entreolhou-se.

— Oh, bem, quer dizer, mãe... — O Bico-Brilhante tentava encontrar as palavras certas. — Eu e a Cinti pensamos em ter o nosso próprio ninho. Sabes, como os outros gansos.

A robot ficou pensativa por um momento e depois respondeu:

— É perfeitamente natural que dois companheiros queiram ter a sua privacidade.

— Obrigada por compreenderes — disse a Cinti.

— Vou construir-vos um ninho novo — declarou a Roz. — Sei exatamente como tecer ervas e ramos para um ninho. Vai ser a minha prenda para vocês, para celebrar a vossa união.

Os gansos entreolharam-se de novo.

— Sim, pois, sobre isso... — O Bico-Brilhante tentava de novo encontrar as palavras certas. — Eu e a Cinti queremos construir o nosso próprio ninho, à nossa maneira.

— Mas agradecemos a tua simpática oferta — disse a Cinti.

— Não ficas aborrecida, pois não, mãe? — perguntou o Bico-Brilhante.

— Quem? Eu? Aborrecida? Que tolice! Compreendo perfeitamente que queiram começar a vossa vida juntos a construir o vosso ninho. Se precisarem de mim para alguma coisa, basta pedirem.

7

OS BANDOS DE PASSAGEM

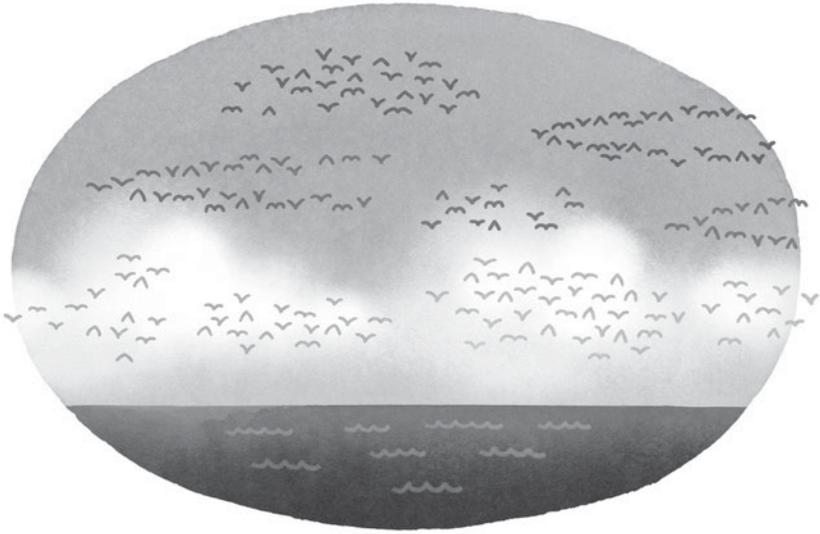
Muitas vezes, outros pássaros paravam na ilha para descansarem as asas durante os voos através do oceano. Procuravam ali um lugar confortável para relaxar e, assim que recuperavam as forças, continuavam o seu caminho. Portanto, quando, certa tarde, um bando de gaivotas se aproximou da ilha, ninguém viu nada de estranho nisso. O que foi estranho, no entanto, foi que as gaivotas sobrevoaram ilha, sem parar para descansar.

Pouco depois, um bando de gansos sobrevoou a ilha sem parar.

Um pouco mais tarde, foi a vez de um bando de andorinhas-do-mar.

A seguir, um bando de abutres passou a voar.

À medida que mais bandos iam passando, um sentimento de preocupação apoderou-se dos animais da ilha. E, quando um bando de patos cruzou o céu, o Bico-Brilhante e a Cinti levantaram voo para descobrir o que



estava a passar-se. Voaram ao lado dos patos, fazendo perguntas e ouvindo as respostas. Depois, os dois gansos desceram a planar até à margem do lago, onde uma multidão os esperava.

A Cinti soltou um pesado suspiro e partilhou a preocupante notícia.

— Aquela pobre foca estava certa — começou por dizer. — A maré de veneno está a chegar. Os patos disseram que chegará aqui amanhã. Ninguém sabe o que é. Só sabem que está a espalhar-se para sul através do mar, atacando todos os seres vivos pelo caminho. A razão por que tantos pássaros têm passado por nós sem parar é por estarem a fugir da maré de veneno.

Os animais lançaram à robot um olhar zangado, e a Matreira rosnou:

— Disseste que não tínhamos que nos preocupar com nada!

— Parece que estava enganada — respondeu a Roz.
— Lamento muito.

— Segundo os patos, há alguém que pode ajudar — disse o Bico-Brilhante. — Disseram que há uma Tubarão Anciã que é sábia e poderosa. Se conseguirmos encontrá-la, podemos deter a maré de veneno. A Tubarão Anciã mora algures no norte, mas ninguém sabe exatamente onde a encontrar.

Ouviram-se as vozes dos animais a gritar.

— Quem quer saber de uma velha tubarão?

— Como vamos sobreviver à maré de veneno?

— O que vamos fazer?

— Eis o que vamos fazer — disse a robot. — Vamos ajudar os nossos amigos. As aves marinhas, as lontras, os peixes, os caranguejos e todos os outros animais da costa correm um grave perigo. Têm de ser evacuados imediatamente.

8

A EVACUAÇÃO

O *bando de gansos* espalhou-se pela ilha e avisou a população inteira de que a maré de veneno estava a chegar. As lontras deslizaram pelas ondas e foram dar a notícia aos seus vizinhos. Os caranguejos desceram para as profundezas do oceano. Os peixes, que tinham passado toda a vida naqueles recifes, abandonaram as suas casas e nadaram para águas abertas.

Muitos dos animais desceram até à costa para ajudar na evacuação. Contudo, com o passar das horas todos começaram a precisar de descansar. Todos menos a robot. A noite caiu, as estrelas apareceram, e lá estava a Roz, caminhando pelas águas rasas, com as suas luzes a rodar de um lado para o outro, enquanto alertava os animais costeiros para partirem.



Livros que te surpreendem pela história,
que te atraem pela imagem,
que te conquistam pela mensagem,
que se distinguem como estrelas brilhantes.

LIVROS QUE FICAM PARA SEMPRE CONTIGO



CONSEGUIRÁ ROZ SALVAR O OCEANO E A SUA ILHA SELVAGEM?

A vida de Roz e dos animais na ilha é perfeita. Mas quando águas perigosas se aproximam e começam a causar estragos, a robot parte numa missão para travar esta ameaça. Durante a sua viagem, Roz cruza-se com criaturas extraordinárias, e vê a devastação causada pelas águas tóxicas. Será que vai conseguir salvar o oceano, a sua ilha e todos os que ama?

Esta emocionante e derradeira aventura da série *Robot Selvagem* aborda importantes temas como a força dos laços de família e de amizade, a solidariedade e as alterações climáticas.

Lê os outros livros desta série:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Literatura Juvenil

penguinlivros.pt
 penguinkidspt

13+

ISBN 9789895832262



9 789895 832262 >